

*Senhores Ministros aqui presentes, especialmente Dona Maria Helena Guimarães de Castro, Ministra da Educação; Senhores Secretários de Estado; Senhor Ivan Zurita; Senhoras e Senhores; Jovens,*

Queria apenas expressar, hoje, a minha alegria de estar, mais uma vez, participando deste encontro aqui no Palácio da Alvorada. Como disse há pouco, ao dar posse ao Conselho Nacional dos Direitos dos Idosos, procuramos simbolicamente, no dia 7 de Setembro, fazer algo que manifeste o interesse do País, do Governo pelo que é mais essencial na formação da cidadania. Neste ano, falamos dos Direitos dos Idosos.

Normalmente nos referimos a algum tema de Direitos Humanos. Mas, permanentemente, nos dedicamos também a sublinhar o que houve de avanço na área educacional. E a melhor maneira de sublinhar isso é pedir que os próprios alunos expressem o que foi feito através dessas frases e desse concurso de frases.

Sempre é grato dizer também, com tudo que temos feito no Governo, que sempre buscamos parcerias. Nesse caso, foi com a Nestlé. A

parceria maior é com vocês, com a sociedade, com os estudantes, com os professores.

Uma das frases premiadas hoje diz que “se deve aprender com a cabeça e com o coração”. Há uma grande verdade nisso. Quando se aprende com a cabeça e com o coração, carrega-se para o resto da vida aquilo que se aprendeu. Não fica apenas na memória, do ponto de vista de um registro frio, mas fica também como uma expressão de carinho que é guardada no coração.

A outra frase premiada diz que “estudar é ter certeza de que conquistaremos algo que ninguém poderá nos tirar”. É também verdade. Riqueza pode-se perder. Até saúde a gente perde. Agora, o que se conquista com o estudo fica até a morte. E fica além da morte, porque fica registrado no que se faz – nos livros, nas canções, na vida.

De modo que, realmente, é muito importante que se valorize esse algo, que, muitas vezes, parece ser não- mensurável, mas é o que se ganha com o estudo. É muito importante também saber fazer frases. A palavra é fundamental. E é fundamental num país como o nosso, um país que vive na democracia. Na democracia, o que vale é o argumento, não é a força. É preciso saber se expressar. É preciso reivindicar o direito, mas argumentar para mostrar que realmente se tem direito. E é preciso também, quando for o caso, fazer oposição, mas argumentando, dando as razões, e não simplesmente na emoção. É preciso, portanto, convencer de que a nossa idéia é melhor. E convencer quer dizer, etimologicamente, vencer junto. E só se vence mesmo quando se vence junto. Vencer sozinho leva, provavelmente, à desilusão mais adiante. É preciso que o que se faça fique marcado porque vários venceram juntos.

É preciso saber falar. Não há dúvida. A própria *Emília* acabou de dizer aqui. Mostrou-nos que é preciso falar. E como falou! Falou bem. Mas o importante não é falar demais, não é gritar, não é fazer cara feia, não é falar com braveza nem com bravata. Isso pode ser que sirva para assustar, pode enganar um ou outro, mas não convence. O que é preciso na democracia é que se faça a persuasão, que as pessoas possam se expressar com clareza, exprimir seu pensamento, como foi o que vocês fizeram hoje.

Uma pequena frase, muitas vezes, resume uma vida, resume uma reflexão muito grande.

Então, acho que, por isso, no dia da nossa Independência, é importante que façamos uma celebração dessa maneira simples, mas uma maneira que nos deixa, sem pretensão, poder dizer que nos sentimos orgulhosos de sermos brasileiros, nos sentimos orgulhosos porque temos fortalecido a democracia e porque temos, para fortalecê-la, dado condições educacionais cada vez maiores às nossas crianças.

Não preciso reiterar o que disse a Professora Maria Helena Castro de maneira muito eloqüente, porque sincera e simples: que nós, no Brasil, mudamos muito em matéria educacional. E vamos continuar mudando. O País não pára.

Mas tenho a certeza de que, nesses 8 anos de Governo, nós semeamos bastante. Na verdade, criamos os fundamentos para um futuro melhor, porque fundamentamos uma educação melhor. Não é só o acesso à escola. O acesso à escola é a maneira fundamental para acabar com a exclusão social.

Vejo tanta gente falando em exclusão, que é preciso acabar com a exclusão... Pois bem, nós colocamos quase 100% das nossas crianças em idade escolar nas escolas – 97%. É assim que se acaba com a exclusão. Não adianta gritar. Não adianta fazer demagogia. Não adianta usar palavras para enganar. Há que trabalhar, trabalhar silenciosa e persistentemente. Hoje, as crianças estão na escola.

Às vezes, ouço dizer: “Ah, estão na escola, mas a qualidade do ensino está muito ruim.” Talvez. Mas já foi pior. Já foi, certamente, pior. O que disse a Professora Maria Helena é o fundamental: a principal mudança que promovemos na área educacional – e reitero meus agradecimentos ao Paulo Renato e a toda sua equipe, tão bem representada aqui pela Maria Helena – foi nos parâmetros curriculares. O nome pode ser feio, “parâmetro curricular”, não se entende bem. Mas, na verdade, é o que o professor tem que ensinar para a criança, quais são as linhas fundamentais do ensino. Através da modificação desses parâmetros, fomos acabando com o preconceito – preconceito de raça, preconceito contra a mulher, preconceito contra índio. Fomos tirando tudo isso dos nossos

livros didáticos, que estavam cheios de preconceito. E mais: fomos ensinando os professores a ensinar. E usamos as técnicas modernas, inclusive ensino a distância, com a televisão, para que os professores possam avançar. Então, mudamos o conteúdo, a qualidade da educação.

Ouçó, às vezes, dizerem: “Ah, a universidade está sucateada.” Eu acho que essa gente nunca foi à universidade – alguns não foram mesmo, nunca foram à universidade. Na verdade, é possível que haja, aqui e ali – e há – falta de material, falta de condições de laboratório, mas estamos produzindo, no Brasil, 6 mil doutores por ano. É a mesma coisa que a Itália e o Canadá – 6 mil por ano. Vinte mil mestres. Há oito anos, não vou nem dizer quanto era, porque é “goleada”. Então, mudamos, realmente, a qualidade – também a qualidade – do ensino na universidade, o equipamento nas universidades.

Hoje, os brasileiros publicam nas revistas especializadas pelo mundo afora, crescentemente. E há uma técnica de medir a qualidade disso, sabendo-se quantas citações cada artigo provoca. Podem olhar nesses dados para ver o que está acontecendo nos últimos anos.

O Brasil está, velozmente, se aproximando dos países que são capazes de produzir conhecimento científico. Falta ainda na tecnologia, mas, na área de ciências, nós avançamos bastante. Houve, portanto, modificações sensíveis na questão educacional brasileira.

Eu dizia, há algum tempo, que o Ministro Paulo Renato estava promovendo uma revolução silenciosa na educação fundamental. Por quê? Porque estamos a acabar com o analfabetismo, como disse a Maria Helena há pouco. O analfabetismo hoje é residual no Brasil. Há aqueles adultos que não conseguiram ter acesso à escola – e temos programas para eles. Mas as crianças estão na escola maciçamente. Questão de mais dez, quinze anos, e o analfabetismo será totalmente marginal no Brasil. Isso era muito importante fazer, porque o analfabetismo era uma nódoa. Igual à escravidão no século XIX era o analfabetismo no século XX. Nós entramos no século XXI com a segurança de que o analfabetismo está com os dias contados.

Então, efetivamente, nós nos concentramos muito na questão de dar acesso à educação fundamental. Mas olhem o que aconteceu no nível

médio. É uma explosão. E, assim como fizemos o Fundef, que permitiu mobilização dos recursos federais e estaduais para as escolas municipais, para que houvesse melhor salário para professoras, sobretudo nas zonas mais pobres do Brasil, o Governo está, também, criando condições para ajudar os estados, que concentram ainda uma boa parte do ensino público médio, para que eles possam, também, dar conta dessa massa de gente que vai entrando nas escolas médias. Sessenta e um milhões de brasileiros estão em alguma escola. E 36 milhões na escola fundamental.

A Maria Helena disse que poucos países têm essa população de 60 milhões. Não haverá dez países no mundo com 60 milhões. Os nossos estão na escola. Nós temos tantos alunos na escola básica quantos são os argentinos na Argentina. Não alunos: argentinos e argentinas. É a população da Argentina.

Essas crianças todo dia têm uma refeição, pelo menos uma. É assim também que não só há uma inclusão, como se vai diminuindo a questão da desnutrição, se vai combatendo a fome.

De modo que não quero insistir, mas, apenas dizer que no dia de hoje devemos valorizar esses avanços que, se foram feitos durante meu Governo, não foram feitos por mim: foram feitos por nós, pela sociedade, pelo conjunto da população, que entendeu que isso é necessário. E esse conjunto implica a professora, a mãe de família, o estudante, o sindicato que pede mais salário, o Congressista que discute a lei, o técnico do Ministério da Educação, o empresário que ajuda o desenvolvimento. Enfim, é um ganho coletivo. E devemos nos orgulhar desse ganho coletivo.

E, quando começarem a dizer que a educação vai de mal a pior, façam de conta que não ouviram. Em vez de ficar lamentando o que está ainda mal – muita coisa está –, ajudem a melhorar. É disso que o Brasil precisa: de coesão – que um dê a mão ao outro.

Acho que vocês, hoje, deram as mãos a todo o Brasil, vindo aqui, com frases tão bonitas, que deixaram marcadas não só na nossa inteligência, na nossa memória, mas também no nosso coração, na nossa sensibilidade.

Muito obrigado a vocês.